

"VÍDEO NAS ALDEIAS": A EXPERIÊNCIA WAIÁPI

Dominique T. Gallois
Vincent Carelli

RESUMO: O artigo procura descrever a experiência do projeto "Vídeo nas Aldeias" entre os índios Waiápi, mostrando como esse grupo reelabora sua identidade a partir das imagens em vídeo de si mesmos e de outros grupo indígenas, num projeto cultural de reafirmação étnica.

UNITERMOS: Antropologia Visual - Etnologia - Identidade Étnica - Relações Interétnicas - Waiápi

"Quando não tínhamos TV, era difícil. Tínhamos que ir muito longe, para conhecer os outros. Agora, é fácil, porque a televisão traz a pessoa e sua fala... É bom conhecer os outros pela TV..."

"Mostrem as nossas imagens! Lá na cidade, eles vão perguntar de onde somos e vão dizer: 'Ah! São aqueles índios que não querem invasores em suas terras, aqueles que cuidam de seu território'. Se não mostrar, eles não vão nos conhecer"
Waiwai, fevereiro de 1990.

O projeto "Vídeo nas Aldeias", patrocinado pelo Centro de Trabalho Indigenista, vem há alguns anos visitando diversos grupos indígenas com equipamentos de registro e exibição de vídeo e com um acervo de documentários sobre a realidade

indígena brasileira. Este encontro dos índios com a sua imagem e a dos outros tem proporcionado momentos extremamente lúdicos, informativos, reflexivos e criativos, em que eles podem rever a imagem que fazem de si e colocar a documentação a serviço de seus próprios projetos culturais¹. É evidente que a especificidade cultural e o momento histórico vivido por cada grupo gera reações, curiosidades e projetos culturais distintos. Neste texto, procuramos dar uma idéia de como os índios Waiápi do Amapá apreenderam as informações recebidas e se apropriaram dessa experiência.

1. NÚCLEOS DE EXIBIÇÃO DE VÍDEOS ENTRE OS WAIÁPI

Foi no contexto de experiências frustrantes - filmagens comerciais e

¹ Cf. Carelli, Vincent - "Vidéo dans les villages: un instrument de réaffirmation ethnique" - CVA Newsletter, Oct. 1988.

etnográficas realizadas em suas aldeias e que nunca lhes foram mostradas - que os Waiãpi formularam uma demanda em relação ao vídeo, inicialmente centrada sobre o registro de características de seu modo de vida (*jane reko*, "nosso modo de ser"), que seriam projetadas para fora, para afirmar sua especificidade no campo das relações interétnicas. Nesta fase, os Waiãpi idealizavam essa documentação numa forma similar à construção elaborada nos discursos e reivindicações relativas à demarcação de suas terras.

O Projeto Vídeo nas Aldeias iniciou suas atividades entre os Waiãpi em janeiro de 1990. Havíamos combinado com a comunidade levar os equipamentos e retornar com material em vídeo produzido no ano anterior² quando o Capitão Waiwai, chefe da aldeia Mariry, solicitou nossa presença para mostrar as imagens de sua estadia em Brasília, numa visita que ele fazia às várias aldeias da área. Surgiu, então, a idéia de registrar, durante a viagem, o uso que o Capitão Waiwai pretendia fazer do vídeo para sua campanha política e a reação dos índios à apresentação dos vídeos³.

2 Geoffrey O'Connor, da Realis Picture Inc. realizou, em 1989, com apoio dos autores, filmagens nas aldeias da parte norte da Al Waiãpi, tendo na ocasião oferecido à comunidade do Mariry a televisão e o gravador de vídeo que compõem a primeira unidade instalada na área indígena. No mesmo ano, registrou a visita de representantes Waiãpi à Brasília. Foram essas imagens as primeiras que voltaram às aldeias e permitiram iniciar o trabalho descrito neste artigo.

3 Um resumo deste trabalho se encontra no vídeo "*O Espírito da TV*" (18', 1990) realizado pelos autores. A fase posterior da experiência foi observada pela antropóloga D. Gallois, por ocasião de suas visitas à área indígena.

Nas exposições realizadas na época, nas cinco aldeias principais da área, apresentamos vídeos e trechos de materiais brutos existentes no arquivo do CTI (Nambiquara, Xavante, Kaiapó, Gavião, Guaraní, Enauenê-Naue, Krahó, Parakanã, Zoró), assim como reportagens de TV sobre os Yanomami e os índios Tupi do Cuminapanema.

Após esta experiência, a primeira unidade de vídeo (gerador, gravador, televisão, acervo de fitas) ficou totalmente sob a responsabilidade da comunidade de Mariry. Está instalada numa casa que o Capitão Waiwai mandou construir no seu pátio e que continua sendo alimentada com materiais preparados pelo CTI e, mais recentemente, com registros feitos por Kasiripina, um Waiãpi de Mariry, que foi treinado como câmara em São Paulo, em julho de 1992.

Uma segunda unidade de vídeo foi instalada, em maio de 1992, na aldeia Aramirã, que constitui um ponto central nas relações entre as treze aldeias atuais da área indígena, por estar situada à margem da estrada Perimetral Norte e por hospedar a sede do posto da Funai.

Sessões coletivas de projeções, geralmente noturnas, quando todos retornam à aldeia, ocorrem com frequência nas "casas da TV" das duas aldeias. São sempre realizadas na ocasião das visitas de membros de outras aldeias ou quando chega material novo. Nestas oportunidades as "casas de TV" passam a representar um ponto de encontro propício para discussões políticas, que ocorrem antes, durante e depois das projeções, acompanhadas muitas vezes de *caxiri*, a bebida de mandioca fermentada servida aos visitantes. Nos últimos tempos, observamos que se estabeleceu também um acesso individual ou familiar à TV, nos momentos de folga das atividades diárias, especialmente para rever cenas que, nas sessões

coletivas, não agradam à maioria. A apreciação das sessões individuais é muito diferente das outras, na medida em que nestas, o tom dos comentários, orientado e de certa forma monopolizado pelos mais velhos que dialogam em voz alta, impede de ouvir os depoimentos dos documentários.

Os equipamentos ficaram sob a responsabilidade de dois ou três jovens em cada uma das aldeias, os quais foram, desde o início, designados pelos chefes e em função de sua relação particular com eles, acabaram sendo os únicos a manipulá-los. Os dois líderes de Mariry e Aramirã supervisionam de perto o uso e a manutenção das unidades de vídeo, mas são sempre os jovens responsáveis que acabam sendo procurados pelos interessados quando querem assistir a um vídeo.

2. REAFIRMAÇÃO ÉTNICA: IMPACTOS NA ESTRATÉGIA POLÍTICA

O momento histórico que os Waiãpi estão vivendo estimulou a apropriação da experiência que o Projeto "Vídeo nas Aldeias" lhes havia proposto. À ameaça de redução da área indígena, que seria cortada por uma Floresta Nacional (1989), seguiu-se a recrudescência de invasões de garimpeiros (1990/91), contexto no qual se intensificou a circulação de representantes Waiãpi nas cidades de Macapá, Belém e Brasília e, paralelamente, a necessidade de discussão coletiva de questões territoriais e assistenciais.

A introdução do Projeto "Vídeo nas Aldeias", sobretudo na sua primeira etapa, criou um espaço novo para reflexões e decisões conjuntas, ampliando muito a expectativa inicial dos Waiãpi, que era de utilizar o vídeo como canal de mensagens para os

brancos.

Esta implantação, no espaço das aldeias, estimulou uma forma de discussão totalmente nova em relação aos padrões tradicionais de circulação de informação e tomada de decisão. Nesses canais, prevalece a forma restrita do diálogo, na qual a posição de hierarquia é muito marcada, atingindo também os ouvintes, que não tomam a palavra mas poderão, em outro diálogo, repassar, sob a forma do discurso indireto, as informações e decisões ouvidas nessas ocasiões.

A reflexão conjunta que as sessões de vídeo possibilitam é também muito diferente das ocasiões em que representantes Waiãpi têm oportunidade de se reunir para decidir questões de interesse coletivo, como, por exemplo, as assembleias indígenas em Macapá ou Oiapoque, ou as reuniões realizadas no posto da Funai, eventos esses que são sempre determinados em momentos e espaços definidos pelos brancos. Note-se ainda que, nessas ocasiões, os índios são levados a usar uma retórica *de branco*, muito diferente da argumentação usada nas reuniões entre eles, quando planejam suas intervenções em seus próprios termos, chegando, a partir desta reflexão, a criar uma retórica *para branco*.

Nos sucessivos encontros que tiveram com autoridades do estado do Amapá, entre 1990 e 1992, os líderes Waiãpi articularam sua aparência com a dinâmica de suas falas. Profusão de adornos e de pinturas corporais para afirmar sua especificidade, bordunas usadas como argumento antes de ser oferecidas como presente às "autoridades". Os líderes mais velhos deixaram de pronunciar pedidos em português, fazendo ao contrário, um após o outro, longos discursos em sua língua em que sempre começam por responsabilizar os brancos pela trágica situação em que se encontram "os

índios", para então introduzir uma série de ameaças em que enfatizam sua força e sua autonomia. Cabe aos mais jovens, que traduzem as falas, introduzir reivindicações nas quais, da mesma forma que nos discursos, a questão específica dos Waiãpi tende a se diluir numa argumentação mais voltada para a defesa dos interesses "dos índios" que para a retórica dos pedidos que faziam nos anos anteriores.

Com esse estilo performático, inspirado na imagem dos Kaiapó e de outros índios que conheceram na TV, os Waiãpi estão conseguindo atrair a atenção das autoridades e dos jornalistas, para quem representam - como demonstram a cobertura jornalística dos eventos - "os índios" do Amapá, e que passam a atendê-los prioritariamente (doação de caminhão, aumento da cota de combustível, alocação de professores e atendentes contratados pelo governo estadual ou pela prefeitura, etc..).

Ao comparar o efeito de seus discursos e de sua postura com a atitude dos outros grupos indígenas da região (Karipuna, Galibi e Palikur, Wayana, Aparai e Tiriyó) que costumam participar desses encontros de modo muito mais discreto - sobretudo porque não ressaltam sua especificidade cultural - os Waiãpi tiveram outra medida deste sucesso, na medida em que alguns representantes desses grupos lhes repassaram pedidos de apoio ou solicitaram que interviessem junto às autoridades, "em nome" dos "índios".

O debate coletivo incentivado pela temática apresentada em vídeos resultou num enriquecimento dos argumentos políticos e na recriação de uma nova retórica da "fala para branco"⁴ recriado a partir da

articulação de elementos próprios à sua experiência de contato e à sua cosmologia com o estilo da "bravura" de outros índios, que conheceram nos vídeos.

Mas este não é o único estilo que os Waiãpi, hoje em dia, privilegiam. Um episódio recente de retirada de garimpeiros que haviam invadido o limite leste da área, confirmou, aos seus olhos, a ampliação do impacto de suas intervenções no controle do território, justamente por terem sido incrementadas com as informações trazidas pelos vídeos. Quando prenderam os garimpeiros e os forçaram a explicar sua presença na área indígena e a identificar seus padrões, descobriram que se tratava de um grupo recém-chegado de Roraima e que haviam trabalhado entre os Yanomami. O primeiro impulso dos poucos Waiãpi que realizavam a emboscada era de matar os invasores, mas o líder que estava presente preferiu usar outra estratégia, obrigando os garimpeiros a falar durante horas. Nessa conversa, todos os argumentos que apresentavam - diziam, por exemplo, que haviam "ajudado" os Yanomami e que não tinham derrubado muita floresta - eram rebatidos com explicações detalhadas da tragédia que o garimpo causou aos Yanomami, em que incorporavam as imagens, de grande impacto, que eles haviam visto nos vídeos. De acordo com os Waiãpi que participaram deste episódio, foi muito melhor do que "bater", como fazem habitualmente quando encontram garimpeiros. Segundo ele, esses garimpeiros não voltarão mais porque entenderam que não conseguirão enganá-los, tendo constatado que os Waiãpi já dominam todas as artimanhas usadas por garimpeiros para penetrar em territórios indígenas.

4 O conteúdo desta argumentação encontra-se descrito no artigo "Jane ayvu kasi: discurso político e autorepresentação Waiãpi" - in: A.

Ramos & B. Albert (org.): *Imagens do Branco*, UNB/ORSTOM, 1992 (no prelo).

Estas duas manifestações da maneira como os Waiãpi se apropriam, para fins de estratégia política, das possibilidades oferecidas pelo vídeo, evidenciam o efeito catalisador de reflexões produzidas durante e após a implantação do Projeto. Além de contribuir para um novo posicionamento no jogo das relações interétnicas, o vídeo tem reflexos em vários outros níveis. No que segue, serão analisados os condicionantes culturais que sustentam esta apropriação pelos Waiãpi.

3. O "ESPÍRITO" DA TV

Em algumas das aldeias em que a TV circulou, todos se pintaram com *urucu* antes de assistir às projeções. Em outra, uma mulher em resguardo de luto não soube conter sua curiosidade e se aproximou da casa de projeções. Nas semanas que seguiram, sofreu sucessivas crises de angústia e dores profundas que seus familiares e o xamã da aldeia atribuíram aos espíritos de pessoas distantes que haviam "passado" pela TV.

A experiência de aproximação inter-pessoal que a televisão proporciona foi imediatamente ressentida pelos Waiãpi enquanto um contato propriamente físico. Quando afirmam que a TV "traz a pessoa", referem-se não apenas ao acesso às manifestações imateriais presentes no retrato (*ra'anga*) e no discurso retransmitido pela TV, mas à parte substancial do princípio vital (-ã) que está contido "dentro" da imagem de qualquer pessoa. Os Waiãpi, aliás, estabelecem uma nítida diferença entre duas formas de representação: a cópia (desenho, símbolo, etc...) que não carrega elementos vitais do ser representado, e o retrato propriamente dito, que representa a pessoa em sua

totalidade. Fotografia e imagem de vídeo consistem numa reprodução completa, possibilitando uma aproximação física. Para os Waiãpi, como para a maioria das sociedades indígenas sul-americanas, o contato com a alteridade representa sempre um perigo que deve ser mediado por práticas profiláticas (que envolvem, em particular, a pintura corporal) e regras de comportamento.

Por isso, o fato da TV transportar o "espírito" das pessoas retratadas para o pátio da aldeia, levou os indivíduos a se posicionar de forma a evitar as agressões físicas que poderiam resultar da projeção.

Isso ficou particularmente evidente nas sucessivas projeções de cenas de xamanismo Guarani, mostradas pela primeira vez na aldeia Mariry. Quando assistiram a essas imagens, fizeram imediatamente uma relação entre a execução do ritual - com cantos e toque de chocalhos que marcam a chegada dos espíritos auxiliares - com a "passagem" desses espíritos pela tela da TV. As cores cintilantes e piscantes da tela (quando se liga ou desliga a TV) foram interpretadas como sendo as substâncias que os xamãs manipulam em seus rituais. Substâncias essas que, quando atingem pessoas despreparadas, matam certamente. Foi o que aconteceu na noite seguinte, quando um homem sentiu, através de seu sonho, a presença dos agentes agressores contra os quais ele não poderia lutar, a não ser ficando acordado, em estado de alerta. Nas projeções subsequentes, devido aos comentários que resultaram da primeira, as mulheres continuaram identificando a presença dessas substâncias agressoras, sendo protegidas por um jovem xamã que se posicionou frente à tela e declarou que estaria servindo de escudo.

Nos desdobramentos deste

episódio, os Waiãpi desculpabilizaram os xamãs Guarani que, enquanto "parentes" (ver adiante) não poderiam enviar agressões, mas continuam conferindo à TV o poder de transferir aquilo que, para eles, é o substrato da imagem.

A emoção que a aproximação física via TV proporciona, é sem dúvida um impacto momentâneo. Mas, mesmo após meses de rotina da "casa da TV" na aldeia Mariry, observamos que pessoas em estados liminares continuaram mantendo distância do aparelho, e ficaram assistindo de longe às projeções. Esse fato não passou despercebido aos Waiãpi da Guiana Francesa em visita às aldeias do Amapari; habituados há várias décadas a lidar com formas ocidentais de reprodução da imagem e tendo dessacralizado seu significado, estranharam muito a reação de seus parentes, zombando do "medo" que ainda demonstram. Nos comentários que fizeram entre eles, alguns Waiãpi do Amapari recolocaram a discussão surgida, meses antes, na primeira projeção das cenas de xamanismo Guarani e concluíram que iriam "acostumar-se" com a presença da TV.

Naquele momento, fizeram uma associação interessante com a mudança de comportamento em relação à fotografia e aos nomes próprios. Se hoje ainda sentem vergonha em ver a imagem de si próprios na TV - observamos várias vezes que as pessoas retratadas baixam os olhos para não "se ver" - isso corresponde à mesma afronta que, antes, sentiam quando ouviam pronunciar seus nomes.

Da mesma maneira como se deu a dessacralização do uso dos nomes próprios e a diminuição das restrições feitas à circulação de fotografias, está se dando a incorporação da TV e do vídeo, de acordo com alterações nas interpretações tradicionais sobre a imagem, que esta experiência permitiu

registrar.

4. OS WAIÁPI E SUA IMAGEM

O registro de si mesmos:

O acesso à própria imagem, mesmo que inicialmente limitado, confirmou a expectativa dos Waiãpi em relação ao registro em vídeo, que segundo eles, deve abranger "todas" as aldeias, "todas" as festas, a fala-imagem de "todos" os velhos, etc... O sentido desta demanda não é apenas o de garantir a memória da atual situação da etnia para as gerações futuras, mas a de poder apreciar, de uma maneira totalmente inédita, um panorama da totalidade que eles representam.

A aproximação entre aldeias, indivíduos e repertórios que o vídeo sugeriu é muito comentada, especialmente nos aspectos educativos que representa: tendo em vista a dispersão dos diferentes grupos locais na Al Waiãpi, todos poderiam conhecer as aldeias distantes, onde a maioria dos jovens, e inclusive vários adultos, nunca foram; ou poderiam ver determinadas festas que só são executadas por especialistas, portanto não acessíveis à todos.

Após a experiência inicial de 1990, que comentamos prioritariamente neste texto, ocorreram desdobramentos que confirmam o interesse dos Waiãpi em recompor, através do vídeo, uma imagem da totalidade que se autorepresentam, em termos culturais, e que procura evidenciar as especificidades dos diversos grupos locais da etnia. No final de 1991, fomos convidados para registrar uma festa realizada muito raramente - o ritual do *pakuasu* - que ia congregar, para esta ocasião "filmada", membros de praticamente todas as aldeias da área. Durante o ritual, os participantes se dirigiam à câmara comentando todas as

etapas, como que para garantir a fixação de uma memória, não apenas da festa e das danças, mas dos conhecimentos específicos dos diferentes indivíduos e/ou grupos em relação a este ritual fundamental. O mesmo intuito persiste hoje, através das filmagens realizadas por Kasiripina, que está registrando, em sintonia com a expectativa dos mais velhos, pequenos rituais de passagem raramente realizados, sempre comentados diante da câmara, numa forma interessante que articula performance lúdica à memória da "fala-imagem" dos sábios do grupo.

Na hora de assistir aos materiais brutos ou montagens de registros realizados em suas aldeias ou na cidade, os Waiãpi dão preferência aos discursos de seus chefes. Essas cenas propiciam desdobramentos no nível da política interna, tanto no ato da filmagem como posteriormente, em consequência do retorno das imagens.

Já foi mencionada a preeminência do Capitão Waiwai, que se considera um dos únicos líderes a possuir conhecimento amplo da história e preocupação com o futuro de seu povo. Tanto é que, para manter esse papel, ele chegou a afirmar que "só a TV não adianta" e que um bom líder deve estar envolvido permanentemente com o repasse das tradições. Isso porque durante a primeira etapa de registro, em que apresentávamos basicamente imagens da aldeia e falas deste líder, os demais chefes de aldeias insistiam em falar para a TV, fazendo com que fossem gravados longos discursos, que quando reproduzidos, passaram a ser avaliados comparativamente pela força dos argumentos e pela postura na encenação que respectivamente produziram. Como ocorre em outros grupos indígenas, a apropriação do vídeo entre os Waiãpi intensifica tensões que fazem parte do jogo das

relações inter-comunitárias tradicionais.

Pela mesma lógica, imagens da visita de líderes Waiãpi em Macapá ou em Brasília, são apreciadas sob duas perspectivas diferentes. Em primeiro lugar, pela curiosidade das mulheres, das crianças e dos jovens, que raramente vão à cidade, em ver aviões, carros e ruas cheias de gente. Em segundo lugar, por parte dos chefes, houve interesse em ouvir e comentar as falas de cada um dos líderes presentes nas reuniões em Brasília ou nas solenidades da Semana do Índio em Macapá, enfatizando-se aqui tanto os aspectos educativos que a reprodução desses discursos permite, quanto os efeitos competitivos entre lideranças que, nos últimos meses, passaram a exigir que nas ocasiões em que pronunciam discursos para os brancos - seja em suas aldeias, ou fora delas - seja feito um registro, pelo menos em gravadores.

A imagem para os brancos:

É no nível da política externa que os Waiãpi manifestam suas principais expectativas em relação ao uso da imagem. A demanda inicial, apontada acima, era de terem um "filme" em que um branco os apresentasse aos brancos.

Só mediram as implicações de tal apresentação quando viram, por exemplo, imagens em que todos cantam, embriagados, numa festa de *caxiri* (bebida fermentada de mandioca) na aldeia Mariry, imagem esta que o Capitão Waiwai vetou imediatamente: segundo ele, não deveriam ser mostradas aos garimpeiros, que poderiam ver nesse momento de embriaguez uma oportunidade para atacar a aldeia.

Nas discussões sobre "o que" mostrar, fica nítida a diferença de postura entre os mais velhos e os jovens. Menos comprometidos com

parâmetros tradicionais de contraposição aos brancos, os jovens nem sempre acatam as sugestões dos mais velhos, para quem qualquer forma de fraqueza representa uma abertura às agressões do mundo exterior. Por isso, muitos jovens acham que as festas de bebida devem ser mostradas, por serem "bonitas" e evidenciem a especificidade cultural dos Waiãpi.

No material filmado por ocasião da primeira etapa de implantação do "Vídeo nas Aldeias", fica claro que a presença da câmara promoveu o direcionamento das atitudes e falas dos Waiãpi para interlocutores que já vinham privilegiando há tempo, mas que nem sempre estavam definidos no momento do registro. Parecia explícito para os índios que estas imagens seriam mostradas às autoridades e à Funai. Foi assistindo às fitas que eles foram selecionando destinatários específicos, ocorrendo ao longo do processo um detalhamento no destino dos argumentos contidos nas falas-imagens: tal argumento para garimpeiro, outro para a Funai, outro para o governo em Brasília.

Os Waiãpi, aliás, continuam se interessando muito em saber o retorno dessa construção: querem saber quem, entre as categorias de "brancos" a quem destinam idealmente suas falas-imagens, efetivamente as viram e como responderam a elas.

No momento, vigora certa concordância sobre o conteúdo da imagem que deve ser apresentada, preferencialmente, aos brancos: cenas e discursos que mostram a força (*jane pojy*, "somos perigosos") e que evidenciam que os Waiãpi são numerosos (*jane atyry*, "somos muitos"). O peso dado a esse argumento decorre de seu significado histórico e político, na medida em que representa tanto a vitalidade do povo (mostrar muitas crianças) como características da organização social e

política dos Waiãpi (mostrar muitas aldeias) e que ainda têm peso determinante na questão política da demarcação do território. Pesa muito nestas escolhas o impacto de vídeos de outros povos, sobretudo das imagens que associam grupos numerosos e vigor guerreiro, como aparece nas fitas sobre os Kaiapó e os Zoró, sempre apreciadas e comentadas.

Imagem para outros povos indígenas:

No que diz respeito à apresentação de suas imagens aos outros grupos indígenas, também foram feitas restrições, que não afetam o conteúdo das imagens, mas sobretudo a quais grupos elas seriam mostradas. O que foi proposto consiste basicamente numa "troca": a imagem dos Waiãpi deve ser mostrada aos grupos que eles conheceram através dos vídeos.

Nestas restrições, pesaram também as concepções - já mencionadas - sobre o perigo da reprodução da imagem. Por isso, quando perguntávamos para quais grupos indígenas eles queriam que suas imagens fossem mostradas, alguns Waiãpi - entre eles o Capitão Waiwai - excluíram os Aparai, aos quais tradicionalmente os Waiãpi do Amapari atribuem a maior parte das doenças e mortes diagnosticadas pelos xamãs.

Durante a discussão, foram propostas várias alternativas: os Aparai só poderiam ver vídeos sobre os Waiãpi depois destes terem visto imagens dos primeiros. A partir de outros argumentos, decidiram liberar a apresentação de vídeos que seriam apenas mostrados mas não deveriam ser deixados nas aldeias Aparai. Nesse momento, compararam os riscos envolvidos na apresentação de imagens em vídeo ou de fotografias: estas, por constituírem-se num suporte material que permite ser efetivamente apossado,

são muito mais perigosas, podendo ser manipuladas para fins de agressão.

A ocasião ideal para mostrar sua imagem aos Aparai se apresentou em abril de 1990, por ocasião da Semana do Índio, em Macapá. Os líderes Waiwai e Kumai, que acabavam de receber fitas da festa *Ture* filmada dois meses antes, utilizaram a apresentação que fizeram desse material como mais um recurso na política de afirmação que vêm desenvolvendo nesses encontros inter-tribais, tendo argumentos para mostrar a vitalidade de sua cultura e rebater a postura dos Aparai, que freqüentemente manifestam terem "perdido as coisas dos antigos".

5. VÍDEOS DOS OUTROS ÍNDIOS

A reação dos Waiãpi aos vídeos de outros grupos indígenas foi extremamente interessante nos vários níveis de apreensão e interpretação em que se decompõe esta experiência de aproximação inter-tribal totalmente nova para esta sociedade.

Como era esperado, as fitas mais apreciadas pelos Waiãpi são aquelas que proporcionam a possibilidade de uma identificação direta - por comparação ou oposição - seja através da imagem, seja através do discurso, ou em combinações reveladoras da apropriação de informações propiciada pelo vídeo.

O sucesso das fitas Guarani deve-se principalmente à compreensão da língua, que evidenciou aos Waiãpi semelhanças nas concepções cosmológicas, especialmente no discurso profético sobre os brancos e o fim do mundo. A identificação neste nível levou à revisão da imagem dos Guarani, cujas marcas evidentes de aculturação haviam levado os Waiãpi a desqualificar este povo enquanto "quase-brancos"; paralelamente, a

posição dos Guarani enquanto possíveis agressores - que a intensidade dos rituais xamanísticos havia sugerido - também foi revista, passando a ser avaliada em termos comparativos e como técnica de luta contra os brancos.

Entre os vários povos retratados no documentário Xingu, os Waurá foram imediatamente identificados como "parentes", através de uma associação mítica sugerida pela imagem deste povo. O retrato do cotidiano, da nudez e, sobretudo, da dança das mulheres no ritual *Jamarikumã*, foram encaixados nas tradições dos Waiãpi como versão "visual" do mito sobre o destino das primeiras mulheres levadas para baixo do rio Amazonas pelo tatu mítico.

Ao contrário, vídeos nos quais nem as imagens nem a fala (ou a locução) eram compreensíveis, porque totalmente distantes da realidade Waiãpi (por exemplo, as fitas Krahô, Xavante, Parakanã) não suscitaram o interesse que se poderia esperar, tendo em vista a expressividade do material do ponto de vista da imagem. Mas, no seu conjunto, os elementos de identificação presentes nesses vídeos resultaram na construção de uma imagem panorâmica dos outros, reforçando associações previstas nas tradições míticas que dão conta da diferença interétnica e do lugar central que os Waiãpi ocupam no universo, enquanto representantes da "verdadeira humanidade".

Esses elementos continuam sendo cuidadosamente avaliados e discutidos nas aldeias Waiãpi. Aspectos lingüísticos ou tecnológicos, características da aparência física, conteúdo de ritos e discursos, reforçam a interpretação tradicional segundo a qual os Waiãpi se posicionam como "criadores" dos demais povos, originalmente surgidos de transformações que seus heróis criadores provocaram. Por exemplo, os

Nambiquara, por usarem um enfeite no nariz, foram identificados como oriundos da transformação do jacamin. As mulheres Waurá que continuam dançando como no tempo das origens, representam a primeira humanidade. Os Kaiapó foram identificados como inimigos, pela leitura que os vídeos proporcionou da conjunção quase completa dos sinais de agressividade previstos nas tradições Waiãpi: a iniciação através de picadas de marimbondos, o uso aparentemente cotidiano de bordunas, a deformação auricular, etc...

Se ficou nítido que a apreciação da imagem dos outros foi filtrada através de elementos da cosmovisão Waiãpi, as interpretações a que deram lugar combinaram este plano retrospectivo com um plano mais prospectivo, voltado para uma releitura das experiências de contato interétnico vivenciado por diferentes grupos indígenas. Razão pela qual a reação aos vídeos dos outros povos indígenas não pode ser analisada independentemente da nova leitura que esses documentos propiciaram sobre o contato interétnico. Paralelamente, o conhecimento de si próprios que o vídeo possibilitou aos Waiãpi decorre fundamentalmente da comparação com a situação de outros grupos indígenas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reconstrução da própria imagem que o Projeto "Vídeo nas Aldeias" sugeriu ou incentivou entre diversos povos indígenas também está ocorrendo entre os Waiãpi. A revisão e afirmação de uma nova auto-representação envolvem aspectos cognitivos específicos à apropriação que os índios fazem do vídeo e que merecem ser analisados. No que se segue, indicamos alguns elementos deste processo.

Em primeiro lugar, é evidente

que as associações provocadas pelo vídeo enriqueceram a reflexão sobre a própria história do contato, reordenada agora de acordo com uma lógica que não diz respeito apenas à experiência específica dos Waiãpi mas a de todos "os índios".

Quando, por exemplo, os índios Tupi do Cuminapanema ou os Enauenê-Naue foram classificados como "nossos ancestrais", é tanto pela presença de elementos característicos da aparência e da tecnologia dos antigos, que pela reminiscência do isolamento presente na imagem desses índios, na qual os Waiãpi reconheceram seu modo de vida no período pré-contato. O sucesso do filme de ficção *Avaeté* deve-se à identificação com a trajetória do herói, que vive a dramática aproximação ao mundo dos brancos, numa trajetória que os Waiãpi já experimentaram (as invasões e a morte) e que lhes indicam etapas posteriores do convívio com os brancos (a possibilidade de intervenções na cidade). O mesmo tipo de associação prevaleceu na identificação com os índios do Cuminapanema e os Gavião contando as mortes provocadas pelo contato, lembrando uma fase que os Waiãpi já viveram e que projetam como uma etapa, hoje vivida pelos Yanomami, que todos "os índios" experimentam.

A classificação sustentada em conceitos tradicionais de distância social e de diferenciação interétnica, está sendo efetivamente implodida para dar lugar a uma nova classificação, na qual semelhanças e diferenças entre os povos são determinadas pela visão panorâmica da situação de contato diferenciada retratada nos vídeos de outros povos indígenas.

Esta nova dimensão do *tempo do contato* fica patente nos relatos míticos registrados recentemente entre os Waiãpi, em que transparece a revisão da origem e do destino do

grupo na situação de contato e em que são enfatizados elementos de contraposição aos brancos⁵. Também se manifesta na maneira como os Waiãpi se apresentam, efetivamente, aos brancos, enfatizando elementos da síntese da imagem do "índio", apropriada através do vídeo, e que os Waiãpi sinalizam tanto através de sua aparência - uso enfático de tangas, pintura corporal e bordunas (estas últimas, só usadas na cidade) - quanto o elemento discursivo mais marcante de sua contraposição aos brancos - sua adaptação não-destrutiva ao território - que é usado como argumento de todas as suas reivindicações.

A particularidade da experiência do Projeto "Vídeo nas Aldeias" está na mudança, irreversível, da forma de conhecimento que projeções muito variadas e repetidas propiciam, correspondendo a uma efetiva transformação na lógica do saber. Isto ocorre não apenas porque o vídeo propicia associações que ampliam muito as informações sobre povos indígenas, mas porque propicia uma mudança na forma e no conteúdo das associações envolvidas na produção da auto-representação. A imagem em vídeo apresenta os povos indígenas em situações que associam todos os aspectos da realidade cultural que as tradições orais normalmente separam: características tecnológicas, lingüísticas e aparência física, posição de cada povo com relação aos demais, falas míticas embutidas em falas sobre o branco.

Um segundo aspecto a ser mencionado, diz respeito à maneira como a nova construção que o vídeo possibilita leva, por meios também

incentivados pela apropriação da imagem, a novas formas de ação.

Os conflitos e as invasões retratadas nos vídeos, os estragos provocados pelas máquinas em garimpos, estradas e desmatamentos tiveram impacto muito grande entre os Waiãpi. É o caso, por exemplo, da interpretação concomitante da situação dos Yanomami, cujo território está sendo destruído, e dos Guarani, em cujas terras não existem mais árvores nem caça. Esses exemplos constituem uma escala que permite refletir sobre o despreparo "dos índios" para enfrentar os brancos, no início do contato: os Guarani não sabiam, os Yanomami ainda não sabem, por isso vão perder tudo.

O mesmo tipo de interpretação deu-se na leitura da experiência do "roubo" evidenciada pelos vídeos sobre os Gavião, Nambiquara, Kaiapó e outros, a partir da qual os Waiãpi discutiram a in experiência que os "índios" costumam demonstrar nas suas negociações. Reflexão esta que, obviamente, levou os Waiãpi a planejar formas mais eficientes de negociação que aquelas que vinham tomando nos últimos anos.

E nesse sentido que, de modo absolutamente inédito e específico, a experiência do Projeto "Vídeo nas Aldeias" proporcionou aos Waiãpi a oportunidade de uma mudança no rumo de suas relações com os brancos, na medida em que enfatizaram, em suas últimas intervenções, o confronto e a diferença, além do recurso a técnicas e conhecimentos que o contato com "os índios" lhes trouxe.

Os vídeos permitiram a construção de uma nova imagem de si, articulada com a dos brancos e dos índios, mais detalhada que a imagem anteriormente definida por critérios míticos e experiências históricas específicas. Esse detalhamento foi possível através da incorporação de

5 Cf. D. Gallois: *Mairi revisitada: a reintegração da Fortaleza de Macapá na tradição oral dos Waiãpi* - tradução comentada de narrativas, Núcleo de História Indígena e do Indigenismo /USP, dat., 1992.

experiências vividas por outros povos, que permitiu aos Waiãpi não apenas ampliar as informações sobre os efeitos do contato, mas fornecer novas chaves de compreensão das alterações que o relacionamento com os brancos provocou em sua vida e na de outros grupos indígenas. O vídeo propiciou, de forma única, uma *consciência da mudança*, indispensável para a formulação de ações visando o controle do convívio interétnico.